

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
10 e 12 de Dezembro de 2025

CENTRAL AIRPORT / 1933
(O Rei do Espaço)

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman e, não creditado, Alfred E. Green / Argumento: Rian James e James Seymour, baseado num romance de Jack Moffitt / Direcção de Fotografia: Sidney Hickox / Direcção Artística: Jack Okey / Música: Howard Jackson e Bernhard Kaun / Montagem: James Morley / Interpretação: Richard Barthelmess (Jim Blaine), Sally Eilers (Jill Collins), Tom Brown (Bud Blaine), Grant Mitchell (Mr. Blaine), James Murray (Eddie Hughes), Claire McDowell (Mrs. Blaine), Willard Robertson, Arthur Vinton, Charles Sellon, Louise Beavers, etc

Produção: First National Pictures, para a Warner Brothers / Produtor: Hal B. Wallis / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 72 minutos / Estreia em Portugal: Condes, a 19 de Janeiro de 1934.

Central Airport deve ser o mais espectacular filme de aviões e aviadores feito por Wellman depois do lendário (e fabuloso) **Wings**, seis anos antes (tão pouco tempo em absoluto, mas quase uma eternidade na aceleração cronológica da Hollywood daquela época). A escala de produção é completamente diferente, **Central Airport** é, a esse respeito, um micro-mini-**Wings**, mas para além dos aviões propriamente ditos, reparar-se-á que até a narrativa tem pontos de contacto: mais uma vez, trata-se de dois homens (que neste caso são irmãos) em triângulo com uma personagem feminina (a sempre subestimada mas sempre maravilhosa Sally Eilers). Diga-se ainda a este propósito, porque não é completamente anedótico (atesta algo da autenticidade procurada por Wellman e da sua paixão por máquinas voadoras), que **Central Airport** é um filme particularmente estimado pelos historiadores e adeptos da aviação, pela quantidade de modelos genuínos que o filme mostra, seja em terra seja no ar. E no ar, voavam mesmo, sem truques, tal como em **Wings**, e os riscos de acidente eram reais: o “duplo” Paul Mantz, o mais célebre duplo de Hollywood para as acrobacias com aviões, saiu do filme com uma clavícula partida por causa de uma cena de acidente que correu mal (ou, visto por outro prisma, que correu bem, demasiado bem).

Fora isso, **Central Airport** também é um filme perfeito para traçar os cruzamentos e as intersecções entre os mundos de William Wellman e de Howard Hawks, outro grande fã das coisas da aviação, outro grande cultor dos filmes de aviadores. Logo o começo de **Central Airport** – os operadores de rádio numa torre de controlo a chamarem desesperadamente um avião que não dá resposta – lembra muito os começos e as situações arquetípicos de alguns de aviões de Hawks, que em 1933 ainda estavam por fazer, como **Ceiling Zero** ou **Only Angels Have Wings** (o que já estava feito era **The Dawn Patrol**, de resto um filme perfeitamente *wings-iano*). Como se esta lembrança

não bastasse, quem é que nos aparece logo a seguir? Pois nem mais nem menos do que Richard Barthelmess, protótipo do aviador hawksiano dos anos 30 – protagonista de **Dawn Patrol**, e secundário, mas secundário proeminente, crucial mesmo, no **Only Angels Have Wings** que em 1939 fechou em glória a década de Hawks. A sensação de vizinhança com o universo hawksiano é, por todas as razões, fortíssima desde o início, e por algo mais do que todas estas intersecções: mesmo os temas da narrativa, a “segunda oportunidade” que se segue à queda em desgraça de Barthelmess nas cenas iniciais (de facto, muito similar, também nisso, à sua personagem de **Only Angels Have Wings**), o sacrifício e a renúncia amorosa que têm origem na psique “nihilista” dos aviadores que não prometem nenhum futuro porque sabem que podem morrer a qualquer momento, mesmo estes temas, dizíamos, propiciam um diálogo entre os mundos wellmaniano e hawksiano.

Notar isto não implica dizer que Wellman se tenha “transformado” em Hawks. O filme tem a sua marca, ou as suas marcas, melhor dizendo, bem estampados. No ritmo, na velocidade, na constante flutuação entre tons (chegamos ao fim da projecção e perguntamo-nos: acabámos de ver um drama ou uma comédia?...), obviamente no pragmatismo realista das cenas com aviões, na malícia sempre subjacente às cenas em que abundam as invenções visuais e os achados de *mise en scène*. A cena em que Barthelmess e Eilers se conhecerem, ela a descer dos céus num paraquedas que depois fica enredado na copa de uma árvore, deve ser das coisas mais divertidas (e mais maliciosas, considerando que se estava à beira do Código) que Wellman filmou. O diálogo entre os dois, completamente tapados e enrolados no pára-quedas (pode-se apenas imaginar a posição dos corpos de cada um lá debaixo), é mesmo um paroxismo daquele gosto de Wellman por filmar diálogos inventando obstruções parciais do rosto dos dialogantes (algo tão exuberante em **Nothing Sacred**, em **Ox-Bow Incident**, em **Goodbye My Lady...**) – e é um paroxismo porque a obstrução é total, vê-se apenas o balão de um paraquedas e vozes que vêm de lá de dentro.

Divertidíssimo, um dos maiores wellmans menores. Uma última nota, referente à habitual menção à participação na realização, sem crédito, de Alfred E. Green. É um mistério, quer o porquê quer saber o que é que Green filmou. Na sua biografia de Wellman, Frank Thompson é completamente omissivo, nem menciona o nome de Green no segmento sobre **Central Airport**.

Luís Miguel Oliveira